

## PSICOLOGIA SOCIAL E PROCESSO GRUPAL: A COERÊNCIA ENTRE FAZER, PENSAR E SENTIR EM SÍLVIA LANE

Sueli Terezinha Ferreira Martins  
Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil

**RESUMO:** O presente artigo trata da concepção histórica e dialética de processo grupal proposta por Sílvia Lane, que utiliza como base para suas reflexões os pressupostos de materialismo dialético quando considera os aspectos pessoais, as características grupais, a vivência subjetiva e a realidade objetiva e o caráter histórico do grupo. O que pretendemos enfatizar neste artigo é a produção sobre grupo presente em sua obra que foi se construindo no decorrer das décadas de 1980 e 1990, sintetizada no texto *O processo grupal*. Neste sentido, busca-se trazer as contribuições presentes no conjunto de sua obra, sistematizadas em artigos, coletâneas e livros, em que Sílvia Lane discute a articulação de algumas categorias fundamentais para a análise do processo grupal e suas implicações teóricas, metodológicas e prático-políticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processo grupal; atividade; consciência; Psicologia Sócio-Histórica.

### SOCIAL PSYCHOLOGY AND GROUP PROCESS: COHERENCE BETWEEN DOING, THINKING AND FEELING IN SÍLVIA LANE

**ABSTRACT:** The present article discusses historic and dialectical conceptions of group process by Sílvia Lane, that uses like base for her reflections the presuppositions of dialectical materialism, when the author considers the personal aspects, the group characteristics, the subjective existence and objective reality and the historical character of the group. This article intends to emphasize the production written by Sílvia Lane about group between 1980 and 1990 summarized in the text *The group process*. In this direction, it searches to bring the contributions in her work through articles, collections and books that Sílvia Lane discusses some fundamental categories to the analysis of group process and their theoretical and methodological evolvement and practical-politics.

**KEYWORDS:** Group process; activity; conscience; Psychology socio-historical.

As publicações do artigo *Uma redefinição da Psicologia Social* na revista *Educação & Sociedade* (1980a) e do livro *O que é Psicologia Social* (1981a) por Sílvia Lane marcam claramente um novo momento da história da Psicologia Social brasileira e latino-americana. Nesses trabalhos, num explícito posicionamento ético-político, Lane apresenta as bases para a construção de uma Psicologia Social crítica no Brasil.

Mais adiante, em *A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia*, do livro *Psicologia Social: O homem em movimento*, Lane (1984a) reafirma que “caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade – apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história” (p. 13).

Na *Arqueologia das emoções*, Lane (2000a) inicia seu texto retomando os principais pressupostos teórico-metodológicos que permearam a sua produção desde os anos 80, reafirmando sua filiação à abordagem da psicologia com base no materialismo histórico e dialético. No decorrer das décadas de 1980 e 1990, seu trabalho foi enriquecido com as contribuições da psicologia sócio-

histórica russa de Vigotski, Leontiev e Luria, e os escritos de Wallon e Martín-Baró, evidenciando a coerência teórico-metodológica da professora Sílvia Lane na produção científica, na perspectiva da psicologia social crítica. A ênfase no papel da psicologia social enquanto contribuição para a compreensão do psiquismo, através do estudo da consciência humana e da proposição de práticas psicossociais está sempre presente em suas publicações.

A importância de sua produção, tanto para nos indicar os subsídios teóricos, quanto para o delineamento metodológico das investigações psicossociais, é evidente. No entanto, o que pretendemos enfatizar neste artigo é a produção sobre grupo presente em sua obra, fundamentalmente o texto *O processo grupal*, capítulo do livro *Psicologia Social: O homem em movimento* (1984b), que sintetiza os aspectos teóricos, metodológicos e práticos/políticos de suas reflexões sobre o tema, contribuindo para a elaboração de uma concepção histórica e dialética do processo grupal.

As contribuições de Sílvia Lane para a formulação de concepção e propostas de análise do processo grupal, como ela mesma dizia, foram se construindo no decorrer de suas experiências de pesquisa, na disciplina

“Processos Grupais” que ela ministrava para seus alunos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (1981b, 1989; Lane & Freitas, 1997), e no diálogo com vários colegas da Psicologia Social brasileira e latino-americana. Neste sentido, traremos para o texto as contribuições presentes em sua produção, sistematizadas em artigos, capítulos de livros e livros, em que ela, e por vezes com colaboradores, faz menção ao tema.

### *Processo Grupal: Uma Perspectiva Histórica e Dialética*

Ao realizar uma revisão de diferentes teorias sobre grupo, Lane (1984b) encontrou em seus estudos duas grandes posições. A posição tradicional defendia que a função do grupo seria apenas a de definir papéis e, por consequência, implicaria garantir a produtividade dos indivíduos e grupos através da manutenção e harmonia das relações sociais. Outra posição, por sua vez, enfatiza o caráter de mediação do grupo, afetando a relação entre os indivíduos e a sociedade. Nesta posição prevalece a preocupação com o processo pelo qual o grupo se produz, considerando as determinações sociais presentes nas relações grupais. A partir dessa constatação e se apropriando dos avanços que algumas teorias traziam para a compreensão da experiência grupal enquanto processo, Lane propõe algumas premissas para se conhecer o grupo:

*1) o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica [itálicos nossos] que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas [itálicos nossos]; 2) o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico [itálicos nossos], e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal [itálicos nossos], em vez de grupo. (Lane, 1984b, p. 81).*

Ao falar em *processo grupal* e não em grupo ou dinâmica de grupo Lane (1981b, 1984b) se posiciona, trazendo para o centro da discussão o caráter histórico e dialético do grupo. Não se trata apenas de diferença na denominação, mas uma diferença profunda no fenômeno estudado. A partir dessa perspectiva, estamos afirmando o fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo, articulando aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva e realidade objetiva. Ressaltar o caráter histórico do grupo implica compreender que o grupo, na sua singularidade, expressa múltiplas determinações e as contradições pre-

sentes na sociedade contemporânea. Assim, segundo Lane (1984b),

*todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (p. 81-82)*

Neste sentido, tomando como base a concepção histórica e dialética do processo grupal presente na obra de Lane (1980a, 1981b, 1984b, 1989, 1998; Lane & Freitas, 1997), não é suficiente afirmar que o grupo baseia-se apenas em reunir pessoas que compartilham normas e objetivos comuns. Significa compreender o grupo enquanto relações e vínculos entre pessoas com necessidades individuais e/ou interesses coletivos, que se expressam no cotidiano da prática social. Além disso, o grupo é também uma estrutura social, uma realidade total, um conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus membros, supondo alguns vínculos entre os indivíduos, ou seja, uma relação de interdependência. À semelhança de qualquer vivência humana, o processo grupal implica relações de poder e de práticas compartilhadas e, ao se realizar, desenvolve a sua identidade (intragrupo e intergrupos). A atividade grupal tem, portanto, a dimensão *externa* relacionada com a sociedade e/ou outros grupos, quando o grupo deve ser capaz de produzir um efeito real sobre eles para afirmar sua identidade, e a *interna*, vinculada aos membros do próprio grupo, em direção à realização dos objetivos que levem em consideração as aspirações individuais ou comuns.

Com a proposta de uma concepção histórica e dialética de grupo, Lane traz algumas sugestões para a análise do indivíduo inserido no processo grupal. A primeira delas é o fato de considerar que “o homem com quem estamos lidando é fundamentalmente o homem alienado” (1984b, p. 84). Deste modo, há sempre dois níveis operando: o da vivência subjetiva e a da realidade objetiva. É categórica quando afirma que:

*Qualquer análise de um processo grupal que se apóie no materialismo dialético tem de partir, necessariamente [itálicos nossos], desses dois níveis de análise. A emergência da consciência histórica, portanto, de uma ação social como práxis transformadora [itálicos nossos], significaria o nível das determinações concretas rompendo as representações ideológicas e se fazendo consciência, momento em que a dualidade desapareceria. (1984b, p. 85).*

Em seguida sugere que devemos considerar que todo grupo ou agrupamento existe sempre dentro de instituições, que vão desde a família, a fábrica, a universidade até o próprio Estado, sendo fundamental, portanto, a análise

se do tipo de inserção do grupo na instituição. Ressalta ainda que a história de vida de cada membro do grupo também tem importância fundamental no desenrolar do processo grupal e que “tomando-se os dois níveis de análise, o da vivência subjetiva e o das determinações concretas do processo grupal, é sempre ancorada no segundo nível que qualquer dialética poderá se desenvolver” (Lane, 1984b, p. 85). Quanto aos papéis sociais, eles aparecem, enquanto interação efetiva no nível das determinações concretas, onde reproduzem a estrutura relacional característica do sistema (relação dominador-dominado).

Embora o trabalho acima comentado seja a referência mais importante na produção da autora, pois sintetiza uma concepção histórica e dialética e os pressupostos teórico-metodológicos sobre o processo grupal e a produção mais significativa sobre o tema tenha se desenvolvido nas décadas de 1980 e 1990, o grupo e as atividades grupais eram foco de estudo e preocupação de Lane desde a década de 1960. No entanto, as reflexões mais diretas sobre grupo são apresentadas no artigo *Uma redefinição da Psicologia Social*, quando Lane retoma a definição hegemônica de grupo social que se caracteriza como interdependência entre seus membros, existência de um objetivo comum, pela diferenciação de papéis, pela presença ou emergência de uma liderança. Coloca para os psicólogos sociais algumas questões:

a) *Como surgiu o “objetivo comum”, qual a necessidade e qual o produto real que ele visa, fazendo com que essas pessoas se inter-relacionem?*

b) *A diferenciação de papéis não estaria reproduzindo relações sociais já definidas no nível representacional ou ideológico?*

c) *A liderança não seria uma forma de reprodução de dominação considerada, ideologicamente, necessária para a preservação da sociedade enquanto tal?* (Lane, 1980a, p. 101).

O questionamento, na verdade, já indica o caminho trilhado por Lane na construção de uma teoria dialética de grupos e tem como subsídios as reflexões da autora sobre a dimensão histórica do desenvolvimento humano, colocando no centro de sua atenção os significados socialmente constituídos e que só podem ser captados pela “intersecção da história individual com a história da sociedade a qual o indivíduo pertence” (1980a, p. 96). É nesse sentido que ela defende que caberia à Psicologia Social, portanto, “estudar o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, as quais são determinadas pelas relações de produção desenvolvidas historicamente e medidas por representações ideológicas que visam a manutenção das relações sociais e, conseqüentemente, das relações de produção” (p. 97).

O passo seguinte foi pensar na linguagem enquanto elo fundamental entre o indivíduo e a sociedade, já que “ao mesmo tempo em que ela é um produto social, ela também é uma forte ‘determinante’ da ação” (Lane, 1980a, p. 69).

*Se queremos compreender processos, se queremos conhecimentos que atendam à maior parte de nossa população, aqui e agora, teremos, necessariamente, que partir do estudo do cotidiano: o que é este simples falar, este se relacionar com os outros, este aprender a “ser social” que se acumula e se transforma? E, se partirmos do aqui e agora (do empírico), só chegaremos a entendê-lo se ampliarmos a nossa dimensão espaço-temporal, ou seja, a sociedade, historicamente compreendida.*

*É dentro deste contexto que problemas como: a ideologia presente no que dizemos ser a realidade, a consciência de si e a para-si, isto é, a social, a alienação – não só “mental”, mas basicamente a social – se tornam questões fundamentais a serem investigadas no cotidiano do homem, ou seja, daqueles que são a força do trabalho produtivo, e como tal, os principais agentes históricos (Lane, 1980b, p.70-71).*

O que chama a nossa atenção neste processo, é que a *historicidade* é recuperada por Lane, mudando qualitativamente o olhar sobre os fenômenos individuais e sociais:

*o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. . . Esta desconsideração da Psicologia em geral, do ser humano como produto histórico-social, é que a torna, se não inócua, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade . . . (Lane, 1984a, p. 12).*

Assim, retomando as questões sobre grupo, qual seria o papel das técnicas de dinâmica de grupo? Lane (1980a) afirma que, antes de qualquer coisa, elas visam adequar, ajustar os indivíduos e o grupo às condições existentes e ao fazer isso, impedem o desenvolvimento da autonomia do indivíduo e do grupo.

#### *Processo Grupal e Psicologia Social Comunitária*

Ao mesmo tempo em que chama a atenção para o caráter de reprodução das relações sociais de uma determinada época, Lane (1981a, 1981b, 1984b) indica a contraditoriedade dessas relações quando aponta a possibilidade de os indivíduos, mesmo vivendo em uma sociedade capitalista, se agruparem para realizarem outras satisfações e por outros motivos que não o trabalho remunerado ou pelo fato de fazer parte de um grupo compulsoriamente, como é o caso das diferentes instituições responsáveis pela sociabilidade das pessoas (família e escola, por exemplo). A Psicologia Social Comunitária representa essa possibilidade, ou seja, as atividades comunitárias devem visar a educação e o desenvolvimento

da consciência social de grupos de convivência os mais diversos:

*Desenvolver relações sociais que se efetivem através da comunicação e cooperação entre pessoas, relações onde não haja dominação de uns sobre outros . . . desde que estes se identifiquem por necessidades comuns a serem satisfeitas, através de atividades planejadas em conjunto e que impliquem ações de vários indivíduos . . . (Lane, 1981a, p. 68).*

Isoladamente, a pessoa identifica o seu problema como exclusivo, como necessidade individual. No entanto, ao se reunirem, os indivíduos percebem que os problemas, muitas vezes semelhantes, são decorrentes das próprias condições sociais de vida e que a organização coletiva, diferente da ação individual isolada, pode propiciar a resolução de problemas ou a satisfação de necessidades comuns (Lane, 1981a). Neste sentido, “cada grupo desenvolve um processo próprio, em função das suas condições reais de vida e das características peculiares dos indivíduos envolvidos (p. 70)”.

Deste modo, Lane (1981b, 1984b, 1996) traz para a discussão o papel determinante do processo grupal para a superação do individualismo profundamente arraigado, superação necessária para a realização de um trabalho comunitário no sentido definido anteriormente, que busque o desenvolvimento da consciência social e da autonomia dos indivíduos.

*As diversas experiências comunitárias vêm apontando para a importância do grupo como condição [itálicos nossos], por um lado, para o conhecimento da realidade comum, para a auto-reflexão e, por outro, para a ação conjunta e organizada. Em outros termos, estamos falando da consciência e da atividade – categorias fundamentais do psiquismo humano . . .*

*Sintetizando, o psicólogo na comunidade trabalha fundamentalmente com a linguagem e representações, com relações grupais [itálicos nossos] – vínculo essencial entre o indivíduo e a sociedade – e com as emoções e afetos próprios da subjetividade, para exercer sua ação ao nível da consciência, da atividade e da identidade dos indivíduos que irão, algum dia, viver em verdadeira comunidade. (Lane, 1996, p. 31).*

Nesta perspectiva, Lane aponta para o fato de que as emoções e os afetos também são mediações fundamentais para o desenvolvimento individual e social e para a *práxis* da Psicologia Social Comunitária (1995, 1996, 2000b; Lane, apud por Sawaia, 2002).

Nas primeiras experiências de análise do processo grupal Lane identifica contradições entre o discurso e a prática social dos indivíduos em grupo, principalmente no que diz respeito às relações de dominação, reproduzindo no âmbito do pequeno grupo, as relações de poder presentes na sociedade. Lane (1981b) questionava o pa-

pel de “líder” no grupo, afirmando que o indivíduo que assumia esse papel podia, “no nível das determinações concretas, exercer uma ação de dominação e ser vivido no nível das representações ideológicas como mero ‘coordenador’, que só quer o bem do grupo e preservar a liberdade de todos” (p. 101). Constatava, então, que grupos e/ou seus integrantes, denominados por seus membros como democráticos, mostravam-se, muitas vezes, autoritários. Restringiam ou impossibilitavam a livre expressão do pensamento e dos sentimentos (Lane, 1981b, 1984b, 1989)

A partir da publicação do livro *Sistema, grupo y poder* de Martín-Baró (1989), seu companheiro de luta na construção de uma Psicologia Social Crítica e por uma sociedade justa, Lane incorpora em seus estudos e práticas as reflexões desse autor, principalmente as discussões sobre poder nos pequenos grupos (Lane, 1998; Lane & Freitas, 1997).

Com o poder que temos, podemos humilhar ou valorizar o outro. Podemos impedir o seu crescimento como ser humano, ou contribuir para que tal aconteça. Sabendo como exercê-lo também saberemos respeitar o poder dos outros. Nossos estudos indicam ser este o caminho para a atuação transformadora dos grupos sociais (Lane, 1998, p. 51).

Neste mesmo período, a autora explicita em seus textos a importância da atividade como fator decisivo para o início da formação grupal: “Para se falar em atividade, o grupo deve produzir algo que deve, necessariamente, ter um significado social, interna e externamente ao próprio grupo” (Lane & Freitas, 1997, p. 306). Em uma relação de interdependência, *atividade* e *consciência* são categorias fundamentais para a compreensão do processo grupal.

## Considerações Finais

Apesar de não realizar uma análise exaustiva dos textos em que o processo grupal aparece na obra de Sílvia Lane, vimos que sua produção é coerente com a perspectiva teórico-metodológica proposta, constituindo-se em referência decisiva para as reflexões e práticas sociais com grupos, fundamentalmente com um caráter histórico e político, enquanto parte da totalidade do fenômeno, podendo mobilizar para a transformação da realidade social. A partir de uma análise crítica das teorias sobre grupo, Lane vai delineando uma teoria dialética do processo grupal, agregando no decorrer do tempo as contribuições advindas da experiência com grupos e com a produção de outros estudiosos como Martín-Baró.

É, portanto, no materialismo histórico e dialético que Sílvia e outros pesquisadores e profissionais encontraram os pressupostos epistemológicos para a reconstru-

ção do conhecimento “que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo” (Lane, 1984b, p. 16). Em vários artigos e capítulos de livros esses pressupostos permeiam a reflexão: a natureza social do homem; a materialidade do psiquismo humano; o papel ativo do ser humano na produção da história da humanidade; a totalidade histórico-social enquanto expressão das múltiplas determinações do fenômeno; a historicidade. No caso do processo grupal, as palavras de Lane e Sawaia (1991, p. 59) sintetizam esse movimento:

*Entender o movimento de consciência dos indivíduos, que se dá em relação às atividades que eles desenvolvem em interação com outros indivíduos, conhecer os processos grupais que produzem as identidades pessoais e ao mesmo tempo produzem um sentido “nós”, através da cooperação e da compreensão de determinantes histórico-sociais – é a tarefa que compete à Psicologia, tornando a sua práxis em um movimento de conscientização social e de atividades transformadoras da sociedade.*

## Referências

- Lane, S. T. M. (1980a). Uma redefinição da Psicologia Social. *Educação & Sociedade*, São Paulo, 2(6), 96-103.
- Lane, S. T. M. (1980b). A Psicologia Social como ação transformadora. In *Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social* (pp. 67-71), São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica.
- Lane, S. T. M. (1981a). *O que é Psicologia Social: Vol. 39. Primeiros Passos*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1981b). Uma análise do processo grupal. *CADERNOS PUC*, São Paulo, 11, 95-107.
- Lane, S. T. M. (1984a). A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 10-19). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1984b). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 78-98). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1989). Questões teóricas e metodológicas em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, 3(6), 21-31.
- Lane, S. T. M. (1995). Avanços da Psicologia Social na América Latina. In S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Eds.), *Novas verdades da Psicologia Social* (pp. 67-81). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1996). Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In R. H. F. Campos (Ed.), *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia* (pp. 17-34). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lane, S. T. M. (1998). O poder em pequenos grupos [Resumo]. In *Anais do VII Encontro Regional da ABRAPSO-SP* (pp. 50-51). Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista.
- Lane, S. T. M. (2000a). Os fundamentos teóricos. In S. T. M. Lane & Y. Araújo (Eds.), *Arqueologia das emoções* (pp. 13-33). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lane, S. T. M. (2000b, maio/jun.). Diálogos: Uma psicologia para transformar a sociedade [Entrevista]. *PSI Jornal de Psicologia*, São Paulo, 18(122), 4-6.
- Lane, S. T. M., & Freitas, M. F. Q. (1997). Processo grupal na perspectiva de Ignacio Martín-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos. *Revista Interamericana de Psicologia*, 31(2), 293-308.
- Lane, S. T. M., & Sawaia, B. B. (1991). Psicologia: ciência o política? In M. Montero (Ed.), *Accion y discurso*. Problemas de psicología política en America Latina (pp. 59-85). Caracas, Venezuela: EDUVEN.
- Martín-Baró, I. (1989). *Sistema, grupo y poder*. San Salvador: UCA.
- Sawaia, B. (2002). *Sílvia Lane: Vol. 8. Pioneiros da Psicologia Brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Sueli Terezinha Ferreira Martins é Psicóloga, doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente do Departamento de Neurologia e Psiquiatria e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Botucatu. Coordenadora do NEPPM – Núcleo de Estudos e Pesquisa “*Psicologia Social e Educação: Contribuições do marxismo*”.

Endereço para correspondência:

Departamento de Neurologia e Psiquiatria,  
Faculdade de Medicina, UNESP/Botucatu,

Rua Rubião Júnior, Botucatu, SP, 18618-000. Telefone:  
(14) 3811-6260; Fax: (14) 3815-5965.

[stfm@fmb.unesp.br](mailto:stfm@fmb.unesp.br)

## Psicologia Social e Processo Grupal: a coerência entre *fazer, pensar e sentir* em Sílvia Lane

Sueli Terezinha Ferreira Martins

Recebido: 03/07/2007

Aceite final: 14/09/2007